XI Encontro Nacional de Aleitamento Materno

Ximena Pamela Bermúdez

12 de junho, 2010

Cumprimentos à mesa e agradecimentos aos organizadores: MS, Rede IBFAN.

O desmame como trajetória cultural

O título desta mesa desmame: uma questão pessoal ou social? é provocativo para pensar alguns temas que fazem parte do repertório da Antropologia e da Sociologia e que voltam à cena renovados. Nos termos da primeira, me refiro a um assunto basilar da Antropologia como disciplina que tem a ver com a conhecida oposição entre natureza e cultura. O quanto da nossa vida cotidiana pode ser explorado a partir dessas categorias? Levi-Strauss, um dos grandes antropólogos do nosso tempo, emprestou a esta relação grande parte de seus esforços intelectuais e seu pensamento nos ilumina na compreensão desses conceitos e sua aplicabilidade na relação entre o mundo biológico e o mundo social.

A Sociologia, por seu lado, se desenvolve como disciplina dos fenômenos sociais a partir de outro princípio essencial da vida social qual seja a relação indivíduo/sociedade. Tributário de inúmeras leituras, polêmicas conceituais e ideológicas esses conceitos exprimem duas tensões que marcam os processos sociais. Numa perspectiva, à la Durkheim, que privilegia a noção do social, diríamos que os indivíduos gozam na sociedade de uma autonomia relativa. Nascemos como indivíduos, mas encontramos uma sociedade pronta para nos guiar por meio de complexos processos de socialização que se iniciam desde a infância e, somente acabam, quando os indivíduos deixam de viver. Nessa trajetória, que não deixa de ter certo grau de arbitrariedade, é que aprendemos a nos tornar pessoas. Fazendo aqui um parêntese, a relação mãe-filho por meio

da amamentação logo após parto, pode ser vista como uma das relações sociais mais primárias que se estabelecem nas interações sociais. A experiência da socialização, aparentemente simples e trivial, que poderia ser facilmente pensada como fato natural acarreta símbolos e significados que fazem com que os indivíduos se construam como pessoas dentro de um contexto social e cultural específico. Isto é, a demarcação do nosso lugar de pertença. Basta lembrar que é desde crianças que aprendemos que o mundo se organiza numa ordem, que existem regras, valores, idéias e maneiras de viver. Essas referências estão na sociedade como um repertório de códigos que norteiam e organizam a vida social. A tensão ou dicotomia entre o indivíduo e a sociedade remete, em grande medida, à maneira em que lidamos com os limites próprios da nossa existência humana e com as possibilidades de escolha ou de opção se configuram ao longo da nossa trajetória como pessoas.

Muito embora não acredite em soluções unívocas e, menos ainda, definitivas para certos dilemas e vicissitudes decorrentes do fato de estar no mundo, gostaria de partilhar aqui algumas idéias que nos mostram que por trás das escolhas individuais ou pessoais ou das opções que temos, subjazem uma rede emaranhada de eventos sociais, de disposições estruturais e de circunstâncias de vida que vão modelando oportunidades e escolhas possíveis e também nos demarcam os territórios da impossibilidade.

Da cultura, do corpo e da alimentação

Voltando um pouco a essa grande oposição natureza/cultura, gostaria de retomar aqui outro tema bastante caro para as disciplinas sociais. A compreensão do corpo e dos fenômenos fisiológicos à luz da relação entre o mundo natural e o mundo social. Além de olhar para essas duas categorias como dicotômicas pode se ensaiar vê-las na sua complementaridade, na sinergia mutua e na totalidade do ser humano.

Tomando como referência o tema que nos ocupa, lembremos que o aleitamento materno e, em decorrência, o desmame, se inserem dentro de uma relação mãe-filho concebida como experiência social, cultural e psicológica singular. Como pensar o desmame, seja precoce ou não, afastado de sua essência que é a alimentação humana? Ou, dito de outro modo, como refleti-lo distante do significado que atribuímos à comida. Em seu livro Afrodita, a escritora chilena Isabel Allende, povoada de lembranças da infância evoca o sabor dos temperos, das ervas e do açúcar que condimentavam os pratos da rotina alimentar de sua família. Quem de nós não lembra também com saudade de uma boa comida ou é capaz de reconhecer um aroma ou sabor que não são gratos? Como ela se questiona, onde começa o gosto e termina o olfato? É difícil identificar a fronteira dos sentidos, como delineamos a margem entre o biologicamente dado e a construção social e cultural dessas propriedades humanas.

A alimentação é um dos atributos mais simbólicos da vida humana. Ela incorpora preocupações biológicas e construções culturais, possibilidades sociais e econômicas de produção, acesso aos alimentos e aspectos ecológicos e ambientais. A comida é um bom marcador para identificar a transição do tempo e da historia: tradição/modernidade, urbano/rural, cru/cozido e outras dicotomias que põem de relevo as mudanças na valoração de novas formas de vida e o significado simbólico atribuído a determinadas formas de consumo. A literatura brasileira sobre este assunto aponta que em algumas populações do norte do país o consumo da farinha/arroz se associa a distinções de classe e status das unidades domésticas. Enquanto que a primeira se vincula a certos estados naturais da relação do homem com a natureza o segundo remete a famílias mais abastadas e mais urbanas. Estúdios na França mostram que a percepção da alimentação como um aliado da boa saúde e da prevenção de doenças e a possibilidade de uma vida longa começa a mudar em relação à representação mais do prazer da comida que tanto caracteriza essa cultura.

Cada cultura nos indica o que será um bom aleitamento materno e nos fornece uma série de normas para que isso aconteça da melhor forma prescrita por uma sociedade. Um rápido passeio por alguns dados etnográficos sobre puericultura, parto e puerpério nos dá uma idéia de quão vastos podem ser esses recursos na geografia do nosso planeta.

Vou começar pelo continente africano, hoje com os olhos do mundo na paixão do futebol, onde o leite materno goza de uma valoração simbólica repleta de diferentes significados nas diversas comunidades e grupos étnicos. Relação privilegiada é atribuída ao papel de mãe e a noção de maternidade, portadora de um "substrato de valores essenciais", descrito por grandes antropólogas como Françoise Heritier.

A população Mossi, de Burkina Faso expressa grande preocupação pelo aleitamento materno, cujo estimulo na mulher começa bem antes do parto. Ao longo da gravidez as mulheres Mossi experimentam uma série de interdições e regras, como a prática chamada *rungri*, que é uma espécie de esmagamento dos seios pela fixação de um pano durante toda o período para lograr que fiquem longos, o mais caídos possíveis, no intuito de facilitar que o bebê e mais tarde a criança, manipule à vontade o seio de sua mãe e o leve à boca sem esforço. De acordo as normas sociais este procedimento é competência das mulheres, sem participação dos homens e deverá garantir um bom aleitamento materno. A essas se somam outras práticas como cuidar da alimentação porque o leite materno deriva de um processo de transformação do sangue em leite e facilmente poluível. Tais práticas que se estendem a outros domínios receberam atenção de Mary Douglas nos seus estudos sobre pureza e perigo e dão luzes sobre os princípios organizadores da cultura. Mais tardiamente, na confluência de estudos de antropologia e saúde pública abriram-se novas pesquisas denominadas de etno-prevenção e higiene que identificam saberes culturais de preservação da saúde. Entre os Bobo Madare, habitantes também de Burkina Faso, o leite materno é considerado elemento identitário de sua cultura e vem atrelado à noções de parentesco, inclusive de incesto. Por exemplo, duas

crianças sem vínculo biológico, porém beneficiadas do leite materno da mesma mulher, passam a ser proibidas de casamento entre elas. O desmame se prolonga até a inserção da mulher no mundo do trabalho. Nessas circunstâncias os substitutos de leite materno pronto assumem seu papel.

O que orienta a escolha do que consumimos pode ser uma boa maneira de pensar o desmame. Etnografias em Ruanda nos indicam que o leite materno é fabricado no corpo, mas não deriva do sangue como em outras representações sociais, porém demonstra um vinculo familiar muito forte. O símbolo do primeiro dente passa a ser um forte marcador do desmame. Associado a isto está o fato de que, habitualmente, o dente e a possibilidade de andar vêm juntos. Os dois são um aviso que o tempo do desmame chegou. Quando esta concepção não é atendida existe a crença que o leite materno pode induzir dificuldades no ato de aprender a andar.

A literatura também mostra que o desmame está bastante relacionado com a próxima gravidez. Sabemos que o aleitamento materno prolongado favorece o espaçamento dos partos. Um desmame é bem-vindo quando chegou a próxima gravidez, isso pode durar ate três ou quatro anos em alguns grupos étnicos africanos. Outro exemplo, desta vez na Ásia, é o trabalho de num vilarejo em Laos, estudado por Natacha Collomb, o grupo chamado Tai Dam o corpo entendido não apenas como uma unidade biológica mas na complexidade de sua construção social. A mãe estabelece vinculo com seu filho por meio do aleitamento materno que é fortemente assumido. Porém, poucos meses depois de nascimento, o desmame gradual começa por meio de preparos alimentares em base do arroz. Para desmamar o bebê utilizam tinturas e outras substâncias que farão a criança rejeitar o seio da mãe.

Uma pesquisa realizada por Elodie Razy sobre aleitamento materno remete a um conceito denominado pela autora de “coreografia gestual”, que se refere ao conjunto de traços e movimentos corporais que informam a criança sobre seu entorno mais próximo em relação a sua mãe. Entre os tualagbo de Mali o

desmame pode ser prolongado os um bebê tualagbo pode ainda mamar, mais por consolo moral que pela alimentação, até dois ou quatro anos.

Outros estudos conduzidos em várias partes do mundo permitem identificar períodos variados do desmame que vão desde um ano a sete anos. Pesquisas arqueológicas sobre fosseis de bebês e crianças permitem aferir certas características nos ossos e nos dentes de vários povos da idade media na Europa que induzem a pensar que o aleitamento materno se arrastava até ente os dois anos e meio ou três anos naquele período. Na Guatemala foram analisados esqueletos de crianças datados 500 anos antes de cristo que indicam que eles iniciavam a ingestão de novos alimentos por volta do primeiro ano e meio de vida e continuavam a mamar até a formação completa dos molares.

Cifras de vários países europeus sobre desmame mostram oscilações no continente. Na Noruega 98 %, na Suíça 92 %, na Alemanha 85%, no Reino Unido 63 % e na Irlanda 42 %. Na França a taxa de aleitamento aos nove meses é de 46 %.

E já finalizando, os dados aqui apresentados não pretendem ser exaustivos. Apenas marcar o rol que códigos culturais e tradições sociais que vão formatando nossa vida em sociedade desempenham no repertório das escolhas possíveis com relação ao desmame. Outras dimensões afetam a decisão sobre o melhor momento para o desmame. Por exemplo, a dimensão de gênero, o lugar da mulher na sociedade, os arranjos familiares, sua inserção no mercado de trabalho e o papel dos profissionais de saúde. Não percamos de vista que outro ator importante continua a ser a força da indústria alimentar que ainda concorre com a capacidade das mulheres de amamentar seus bebês.

Nesse contexto, limitado por diversas agencias, é que acredito que as mulheres fazem suas escolhas.

Grata pela atenção e,mais uma vez obrigada a todas e todos.

Referências

Allende I. Afrodiata. Plaza & Janés Editores. Barcelona, 1997.

Collomb N. Apprendre en mangeant: les enfants et l'alimentation à Ban Nakham villageTai-Dam du Nord Laos.

Douglas M. Pureza e Perigo. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.

Durkheim E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

Heritier F. Masculin/Feminin La pensée de la difference. Odile Jacob, Paris 1996.

Levi-Strauss C. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

Paulme D. Les Gens du Riz, Les Kissi de Haute-Guinée. Paris, Librairie Plon. 1954, 1970. 324 p.

Pesquisa sobre comportamento e consumo alimentar França 2007.

Razy E. Naître et devenir. Anthropologie de la petite enfance en pays soninké (Mali) paru en 2007 (Société d'Ethnologie : Nanterre.